

A AMIZADE VERDADEIRA ENTRE JOHN LENNON E PAUL MCCARTNEY

Elias Reimberg

Aluno do Curso de Filosofia - Mackenzie

Nesse artigo, trabalharemos com a questão da amizade nos dias atuais: é possível obter uma amizade verdadeira, ou é ainda mais rara de ser ter do que na época de Montaigne, no século XVII, que já falava como algo que “já muito vê-lo uma vez cada três séculos”?

Sua relevância social deste texto, se dá pelo fato que a amizade, diferentemente de outros temas abordados pela filosofia, é algo corriqueiro e de fato ao alcance de quase todos, digo isso, pois esse artigo focará a amizade verdadeira, algo raro, e não todas as formas de amizade, algo que o ampliaria sobremodo. Acadêmicamente falando, isto se dá pelo fato, que tentaremos através deste, jogar uma luz para essa questão nos dias atuais, já que apesar de que Montaigne abordar o tema de modo extremamente compreensível e coerente com o que ocorre nos dia atuais, existem elementos aos quais ele não teve acesso, como por exemplo, a Internet e seus meios de comunicação.

Claro que numa exposição uma mais eficiente sobre o tipo de amizade formada nos dias atuais, não será conferida com profundidade nesse artigo: o que o leitor verá é que demos um ar de ensaio para estas questões, já que o espaço para as idéias será limitado. Nos cabe aqui, então é mostrar através de exemplos mais contemporâneos que ainda é possível possuir uma amizade verdadeira, embora de fato, se dê raramente. Parece ser bem difícil, não que seja impossível, ainda mais em se tratando de mais de uma. Porém não concordamos com Montaigne quando escreve que “as amizades comuns podem dividir-se”, e as verdadeiras não.

Montaigne mostra uma afeição por La Boétie que, de fato, é difícil de se associar com outro caso. Apesar de toda a aura que Ivan Trilha carrega (guru que ficou famoso por prever a morte de John F. Kennedy), a amizade que ele construiu com George Harrison, faz lembrar a citação de Montaigne sobre La Boétie, e claro, mostra-se através de seu relato também uma amizade verdadeira:

”Minha amizade com Harrison tem uma história curiosa. Nosso encontro primeiro aconteceu em um plano energético. Eu ouvia a música dos Beatles, via a foto de Harrison nas revistas e sentia que, de alguma forma, ele era meu irmão. Eu sabia que a gente tinha uma ligação. Um dia, em Paris, em 1979, nos encontramos em uma festa. Harrison me olhou e disse que estava me esperando, que já tinha me visto na TV e sabia que éramos irmãos de alma. Viramos grandes amigos”.

A citação de Montaigne é essa:

“Nós nos procurávamos antes de nos termos visto, pelo que ouvíamos um acerca do outro, e nascia em nós uma afeição em verdade

fora de proporções com o que nos era relatado, no que vejo como que um decreto da Providência. Abraçávamo-nos pelos nossos nomes e em nosso primeiro encontro casual em Bordéus, por ocasião de uma festa pública e em numerosa companhia, sentimo-nos tão atraídos um pelo outro, já tão próximos, já tão íntimos que desde então não se virão outros tão íntimos como nós”.(MONTAIGNE, 1984, 105)

Outro caso de amizade verdadeira, que envolve integrantes dos **The Beatles**, nesse caso John Lennon e Paul McCartney, evidencia um outro segmento do ensaio de Montaigne, quando ele escreve que a “perfeita amizade é indivisível”. A relação entre eles é muito vista como algo que transitava entre o amor e o ódio.

A abordagem mais apropriada é a de, talvez considerar a idéia de que uma amizade verdadeira esteja em sua exclusividade; tanto é que por um período de tempo, os amigos John Lennon e McCartney não souberam respeitar a entrada de novas amizades. Para eles, eram como “estranhos” que tentavam se infiltrar no meio deles. Uma observação que pode ser feita, a partir dos bastidores deste palco, é que esses “estranhos” também passaram a não aceitar, com o tempo, que tal amizade permanecesse como era.

Esses estranhos ganharão nomes logo, mas antes vale lembrar da relação deles antes da entrada desses novos elementos:

“Paul e John se conheceram adolescentes: Paul tinha 14 anos, John, 16. Era 1956. Nos dez anos seguintes, durante toda a passagem da adolescência para a maturidade, dos bairros operários de Liverpool para a fama mundial, os dois ficaram juntos a maior parte do tempo, compondo juntos, tocando juntos, fazendo farra juntos, experimentando drogas juntos. E passaram boa parte desse tempo trancados em hotéis ou ônibus, escondidos do mundo, fugindo das hordas de fãs histéricas e delirantes.

Isso explica, em parte, por que a parceria Lennon-McCartney era tão íntegra, tão umbilicalmente coesa, nos primeiros tempos dos Beatles. Compondo, Lennon e McCartney formavam quase um ser à parte, Lennonmccartney". (VAZ, Sérgio. "Quando Paul McCartney fez 40 anos". Jornal da Tarde, 19 de junho de 1982)

É curioso, que a relação dos músicos não formava um ser único por que tinham personalidades iguais, mas sim porque eles se complementavam, o que vai contra uma citação de Montaigne, muito embora Montaigne sempre advertira que não se deve levar tão a sério o que ele fala, como se fosse uma "obra rica, polida". A citação de Montaigne é essa: "Se tivessem divergido em suas ações, não teriam sido amigos um do outro, da maneira por que compreendo a amizade".(MONTAIGNE, 1994, p 98)

Havia essa união, mas ao mesmo tempo notava-se que Lennon e McCartney possuíam gênios diferentes. Mas apesar de gerar certos choques durante as gravações, ainda sim, em 1965, na faixa "We Can Work It Out", temos um diálogo que afirma que não devem dar muita importância para essas brigas, que os problemas podem ser resolvidos, afinal são antes de tudo, amigos.

É necessário antes alertar ao leitor que, como muitas letras dos **The Beatles**, existem divergências sobre o significado de cada letra (essa mesma atribui-se à primeira parte, feita por Paul, para sua namorada, porém, ao ver a segunda parte, de Lennon, fica claro que não se trata pelo menos só da namorada de Paul, pois Lennon fala "meu amigo".).

Uma parte da letra traduzida: (tradução livre)

“Tente ver do meu modo/ Tenho que continuar falando até não poder continuar?/Enquanto você vê do seu modo,/Corre o risco de saber que nosso amor logo pode findar/ Podemos dar um jeito./Podemos consertar (...) A vida é muito curta/ e não há tempo/ para implicância, meu amigo/ Sempre pensei ser um crime, / Assim pedirei a você novamente (...)”.

Assim essa amizade verdadeira seguiu, até que Yoko Ono e Linda Eastman surgiram, e proporcionaram um novo arranjo nesta canção. Inicialmente, essa amizade verdadeira é indivisível, assim como podemos observar em Montaigne: “na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação”. (MONTAIGNE, 1994, P 99)

Segue aqui uma pequena análise sobre essa nova configuração entre John e Paul:

“John iria trocar os Beatles, e especialmente Paul, por Yoko Ono, uma pessoa que, ao contrário de Paul, era seu igual, e não seu pólo oposto: uma mulher forte, enérgica, cheia de vitalidade e vontade de subverter padrões da arte e o comportamento. Paul iria trocar os Beatles, e especialmente John, por Linda Eastman, uma pessoa que, ao contrário de John, era seu igual, e não seu pólo oposto: uma mulher sem maiores ambições de realização pessoal e artística, dócil, meiga e mansa, incapaz de contrariar o parceiro, dizer não.” (VAZ, Sérgio. “Quando Paul McCartney fez 40 anos”. Jornal da Tarde, 19 de junho de 1982)

O período 1969-1971 foi marcado não só com o fim da banda, mas também por uma época, onde a dificuldade em aceitar esses novos elementos entre eles geraram letras que revelam uma profunda mágoa. O ápice chegou na canção de Paul de 1971, "Dear Friend", onde o autor se pergunta até onde isso precisaria chegar, para ver a tolice que cometeram, afinal essas brigas apenas afastaram a convivência de duas almas que se completam.

Yoko, durante esse período, e mesmo depois, sempre foi de certa forma contra esse vínculo que havia em ambos, nisso novamente lembro de Montaigne: "essa amizade que nos enche a alma e a domina não pode subdividir-se". Parece que com a amizade verdadeira surge o sentimento de exclusividade do outro e quando isso não é possível, isto é: a exclusividade, é comum a competição e, neste caso, para ver quem teria a atenção total de Lennon.

O vínculo de ambos estava mais do que restabelecido quando Lennon foi assassinado em 1980, e a canção que Paul dedicou a ele em 1982, chamada "Here Today", remete a esse trecho do ensaio de Montaigne:

"Já me acostumara tão bem a ser sempre dois que me parece não ser mais senão meio: "como uma morte prematura roubou-me a melhor parte de minha alma, que fazer com a outra? Um só e mesmo dia causou a perda de ambos" (Horácio). Nada fazia, nem um só pensamento tinha que não lhe percebesse a ausência, como certamente, em caso semelhante, eu lhe faltaria. Porque se me ultrapassava em méritos de toda espécie e em virtude, também me sobreexcedia nos deveres da amizade: "Por que se envergonhar? Por que deixar de chorar tão querida alma? Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo pereceram de um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer, irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao tumulto como a tua. Desde que não és mais, disse adeus

ao estudo e a todas as coisas da inteligência”. (...). “Não poderei mais falar-te e ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro do que a vida! Ah, ao mesmo amar-te-ei sempre” (MONTAIGNE, 1994, 99).

Agora, parte da letra de Paul em homenagem ao seu amigo que evidencia a tristeza por não mais usufruir de tal amizade:

“E se eu disser que realmente te conhecia bem,/ Qual seria sua resposta, se você estivesse aqui hoje? (...) Te conhecendo bem, /Você provavelmente iria rir e dizer que nós éramos mundos a parte,/ Se você estivesse aqui hoje. (...) Mas pra mim, / Eu continuo lembrando como foi antes./ E não estou mais segurando as lágrimas./ Eu te amo (...)”.

Paul até hoje cita Lennon como o melhor parceiro que tivera a sorte de conhecer, e apesar de ter seguido sua carreira musical, diz que nunca irá ter experiência tão verdadeira quanto teve com ele. Falar sobre essa relação daria até mesmo para escrever um livro, no entanto, a hora para encerrar esse artigo se aproxima e gostaria de contar um caso muito mais recente, que envolve a **freqüentação** citada por Montaigne, por um meio muito recente de se comunicar na história: a Internet.

Em sigilo e respeito às pessoas que citarei, não colocarei seus nomes verdadeiros. Peço de antemão desculpas, por parecer abusivo pedir ao leitor que confie exclusivamente na palavra deste autor quando falo se tratar de uma história verídica, sem poder dar referências, mas é o máximo que posso fazer para ter a tranqüilidade de contar da melhor forma possível esse caso.

Em 2009, Vito possuía uma amizade com Janis, era uma relação que já caminhava para o segundo ano sem problemas. Durante esse ano, Vito ouviu

pequenos relatos de uma outra pessoa, chamada Zooey. De forma inexplicável, Vito achou Zooey interessante através desses relatos, e começou a ter uma vontade de um dia conhecê-la. Essa oportunidade veio a ocorrer no final de 2009.

A primeira impressão foi boa, mas a amizade começou a ser estabelecida de fato após um contato via Internet, através de um programa que permite conversar em tempo real com outra pessoa. Curioso, que nesse mesmo período, a relação de Vito com Janis, sofreu um grande abalo, e resultou num afastamento temporário entre os dois. Parecia o destino operar para permitir que o vínculo entre Vito e Zooey criasse o hábito da freqüentação, pois a irmã de Vito entrara em férias naquele período, fato que permitiu o contato diário entre Vito e Zooey, já que era possível ligar todo dia o computador e conversar mais.

Esse período fez estabelecer um vínculo forte entre ambos, e apesar de que durante esse tempo, o contato entre Vito e Janis tenha sido estabelecido novamente, parecia não haver mais a ligação de outrora. Enquanto isso surgia uma necessidade cada vez maior, de conversar mais e mais com a Zooey, e como era complicado sair com ela, a Internet se tornou o melhor lugar para Vito ter contato. Chegou 2010, e os meses passaram de forma rápida, e chegou-se há um dia em que Vito e Zooey ficaram por cerca de 12 horas seguidas conversando tamanha a facilidade para criar assuntos. As férias da irmã de Vito haviam acabado já há algum tempo e assim, a chance de conversar diariamente com Zooey, mas ainda havia a possibilidade de trocar e-mails, algo que se tornou diário, e havia uma certa expectativa do dia seguinte chegar logo, para ver a resposta do outro, e mais ainda o final de semana chegar para enfim conversarem de verdade. Era engraçado para Vito como em tão pouco tempo ele vivia algo tão intenso como quase nunca tivera vivido, e ainda sim desconfiando que de fato nunca viveu algo dessa proporção.

Os contatos ao vivo, não que se tornaram fáceis, mas se tornaram mais freqüentes em relação ao início. E o tempo fez revelar algo: a chance de não só ter uma amizade verdadeira como já tinham, mas de desfrutarem de um amor, um pelo outro também verdadeiro. Por um breve tempo, ficou provado que era possível sim que “a alma provasse plena satisfação, mas também o corpo encontrasse seu prazer, em que cada qual assim se entregasse por inteiro, a amizade seria mais perfeita e total”, o contrario do que dizia Montaigne, ou seja, algo que não era viável.

Houve turbulências que pelo menos por hora impede de se ter essa amizade total, mas é impressionante, para Vito, como em questão de segundos, é possível conversar como se nada tivesse acontecido. O tempo provará se essa amizade verdadeira pode voltar a ser total.

Continua raro ter uma amizade verdadeira? Claro que sim, contamos nos dedos quantas histórias conhecemos, muitas vezes não possuímos uma equivalente em nossas vidas. Mas, é possível, e a Internet, pode mesmo que mantenha esse tipo de amizade como algo ainda raro, facilita o contato de almas que se unem por ou sem ela primeiramente, quem sabe Montaigne não seria um adepto da Internet para manter contato sempre com seu amigo?

Bibliografia

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*, São Paulo, Ed. Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1984

AMENDOLA, Gilberto. "Falo todo dia com Elis Regina, George Harrison, Tom Jobim...". *Jornal da Tarde, Variedades*, 4 janeiro de 2010.

VAZ, Sérgio. "Quando Paul McCartney fez 40 anos". *Jornal da Tarde*, 19 de junho de 1982

